

MACHADO DE ASSIS E A EPILEPSIA

JOSÉ LEME LOPES

O interesse de Machado de Assis pela loucura é facilmente identificado em sua obra. Não foi, a partir dessa evidência, que me aproximei do universo machadiano, para examinar, em seguida, os possíveis conhecimentos psiquiátricos do autor de *Helena*.

No verão de 1964, em Cabo Frio, tomei para uma releitura *Dom Casmurro*. Lia, degustava, refletia e, pouco a pouco, sentia-me arrastado a examinar Bento Santiago como um cliente.

São comuns, hoje em dia, na consulta, aparecerem Capitús de calças esportivas, de cabelos curtos, ou mesmo em vestidos tradicionais, que vêm expor ao psiquiatra os sofrimentos oriundos dos ciúmes de seus maridos. Estes proíbem-nas o uso das roupas simplificadas para os banhos salgados ou acusam-nas de infidelidade. a ponto de desconhecerem a própria paternidade da prole e cobrí-las de apodos.

Não era assim, no segundo Reinado; então, os alienistas permaneciam encastelados nas Casas Verdes; não havia o costume de discutir problemas de ajustamento matrimonial fora dos confessionários. Os senhores maridos, quando não seguiam o método de Otelo, mandavam esfriar nas neves suíças os supostos ardores das esposas submissas.

Assim, foi o ciúme mórbido de Dom Casmurro a minha porta de entrada para o fascinante estudo de “A Psiquiatria de Machado de Assis”.

No ensaio, pretendi apenas levantar uma sùmula dos conhecimentos, das informações, que Joaquim Maria havia colhido na sua justificada preocupação com a insanidade mental.

Não é aqui passo para discorrer sobre a importância do tema: psiquiatria e epilepsia. Disso me ocupei, em conferência na Academia das Ciências de Lisboa. Defendi, ali, a tese de que o mal sagrado é uma experiência única da natureza; bem observada a doença comicial permite, através de seu aspecto fisiopatológico, alcançar os mecanismos neurofisiológicos, que se situam na dobradiça da união corpo-alma. Perdoem-me, Senhores Acadêmicos, a feitura mecanicista da imagem, que não esgota o complexo problema da relação somatopsíquica, nem expressa minha posição pessoal ditada pelo hilemorfismo tomista.

De qualquer modo, afloram através das crises epilépticas, alucinações, delírios, alterações do humor, impulsos, fugas, um tecido complexo de manifestações aparatosas, que enchem páginas de tratados científicos e podem também se transmutar em grandes criações literárias.

Em Dostoievski, os personagens epilépticos fazem parte da trama aparente da tessitura de seus grandes romances. Em Machado de Assis, ao contrário, os sintomas comiciais estão transformados, ocultos, em páginas antológicas, onde não se pode reconhecer, à primeira vista, o mal oculto do autor.

Hoje quero acercar-me do tema “Machado de Assis e a Epilepsia”. Tentarei fazê-lo em dois tempos.

No primeiro, a doença do nosso maior escritor será considerada a partir dos dados biográficos disponíveis. A circunstância de viver, sob a ameaça de vir a revelar, numa crise em público, o seu mal secreto, marca o comportamento do jovem Machado, discreto, diligente, atencioso.

Sabemos do recrudescimento de sua doença, após seu casamento com Carolina a 12 de novembro de 1869, bem como de sua exacerbação, na fase final de sua vida, hoje melhor conhecida, pela divulgação de suas notas íntimas, deixadas num canhenho, onde registrava seu frio e pálido dia-a-dia.

No outro tempo, será ensaiado mostrar na obra literária de Machado uma dispersão de quadros e figuras, onde transfigurados pela arte do escritor, surgem as experiências machadianas das auras e dos tranSES de sua doença.

Os biógrafos de Machado de Assis não sabem quando e como se iniciou a doença, que o iria acompanhar pela vida afora. Talvez tivesse surgido na infância e continuado quando condições adversas cercavam o mestiço, descido do Morro do Livramento para a áspera luta na Imprensa da Corte. Renard Perez baseia-se no próprio Machado, que se referia às “coisas exquisitas”, que sobrevieram na sua infância. As crises deveriam ter sido raras e rápidas, sem marcarem a primeira fase de sua vida.

O certo é que Carolina Augusta Xavier de Novaes, quando noiva, ignorava “os achaques” — a expressão é de Augusto Meyer — do “rapaz tão feio quanto inteligente”, que veio a ser o seu famoso esposo.

Copio Lúcia Miguel Pereira: “Algum tempo depois de casados, indo a Petrópolis, Machado teve um ataque na barca. E Carolina, longe de revoltar-se *por ver-se na ignorância do terrível mal* (grifo do transcritor) do marido, ainda mais se tornou meiga, enfermeira cheia de tato e paciência.”

Permitam-me imaginar o tumulto, provocado por uma crise de grande mal, na barca que ligava então o cais PharoUX ao fundo da baía, onde começava a estrada de ferro serra acima. As pessoas que se acercaram, o dramático das convulsões e os instantes angustiosos da espera da volta à consciência, o desalinho das roupas, o *pince-nez* — onde teria ido parar? A imaginação pode alargar-se e carregar as tintas e o psicólogo ocupar-se em avaliar o duplo efeito da ocorrência no espírito de Machado e na alma de Carolina.

Agora a companheira de uma vida, centrada no fato literário, iria encontrar mais um laço a unir duas criaturas tão diferenciadas. A proteção e os cuidados de Carolina serão a partir daí uma defesa para a possibilidade da superação de si mesmo, Joaquim Maria, cuja obra vai alcançar, nesse período, o zênite.

A saúde de Machado de Assis sofre, em fins de 1878, um grande abalo. Não tenho elementos para recompor essa fase difícil de sua vida. Sabemos que apresentou **desordens intestinais** e uma grave retinite. Passou cinco meses em Nova Friburgo, onde readquiriu carnes. Os olhos continuavam doentes. Carolina se transforma em leitora e secretária. Escreve, sob ditado, capítulos de *Brás Cubas*. Não são assinalados sintomas neurológicos. É acentuado seu abatimento psíquico (hoje talvez disséssemos estado depressivo). Luís Vianna Filho relaciona a condição global (somatopsíquica) da saúde de Machado de Assis com a mudança na sua temática, da qual *Brás Cubas* (1880) é o testemunho brilhante.

O diálogo com Pandora, o abandono de Ariel e a descida da montanha pela mão de Caliban (poema "No Alto"), as rabugens de pessimismo e a recompensa de um piparote mostram uma mudança, uma inflexão, no mundo machadiano. que se fixa no "pessimismo irônico", se aceitarmos a exegese de Thiers Martins Moreira.

Quando em 1884, passa a residir na casa número quarenta e oito da rua Cosme Velho, segundo Luís Vianna Filho, os ataques epilépticos não seriam raros. Escreve Vianna, após citar Herculano Borges da Fonseca,: "Juntos compunham a fisionomia humana do tranquilo Cosme Velho, aprazível, acolhedor nas suas sombras, romântico nas suas águas, e no qual Machado se integrou de bom grado, inclusive com os seus ataques, que todos respeitam, discretos e condoídos." (Grifo do transcritor).

Depois de 1890, Machado se sente combalido e confidencia a amigos suas dificuldades. Em cartas, guardadas na Academia Brasileira de Letras, e que Luís Vianna Filho com-

pulsou, ele se queixa a Magalhães de Azeredo da “enfermidade”, “do mal que me acompanha”. Sempre com pudor numa das missivas adverte: “Mas enfim são coisas confiadas a um amigo sério e calado”.

A partir do começo do século, são mais numerosos os informes sobre os sofrimentos de Machado. João Luso recordou a progressiva união do escritor de *Brás Cubas* a Mário de Alencar, que o acompanhava pois “o mestre pensador de Esaú e Jacó e do Conselheiro Aires, receava cair na rua, morrer de repente, ao desamparo, ou entre gente mais curiosa do que comovida”.

Após a morte de Carolina, em outubro de 1904, torna-se mais dependente da amizade de Alencar. Este recorda: “A preocupação de saúde era freqüente: ou havia os efeitos de um acesso do mal terrível ou a iminência dele”.

Era seu médico Miguel Couto, de quem ouvi algumas vezes, em aulas, no período em que fui seu interno, que Machado de Assis sofria de epilepsia. Aludia ao seu ilustre cliente para mostrar que o mal sagrado não exclui uma grande inteligência e mesmo a criatividade. Lembrava também Flaubert, cuja biografia exaustiva Sartre escreveu sob o título intrigante “L’idiôt de la famille”, e a quem Machado rendia admiração, talvez porque reconhecesse no francês além da “mesma solidão” “até o mesmo mal, como sabe, o outro”. (Carta a Mário de Alencar, de 29 de agosto de 1908).

O sofrimento de Machado é, então, pungente. Lamenta-se em carta a Alencar, distante na Tijuca (8 de fevereiro de 1908): “O mal não é tão grande como parece; é agudo, porque os nervos são doentes delicados, e ao menor toque retraem-se e gemem. Eu sou desses enfermos, como sabe, e como sabe também, doente sem médico.”

Nesta frase se condensam muitas verdades e a sùmula da experiência machadiana sobre a própria epilepsia. “O mal não é tão grande como parece; porque é agudo.” O ataque é rápido, seus efeitos desaparecem em pouco tempo; as repetições, no entanto, amedrontam, porém a volta sempre

verificada à consciência e à rotina da vida, reasseguram, até certo ponto, o epiléptico. E, em seguida, um deslocamento: não é ele, Machado, o doente, são os *nervos*; não é ele o delicado, são os nervos; os nervos retraem-se e gemem, Machado convulso e estertorante cobre-se atrás da imagem da retração e dos gemidos dos nervos, esses *sim fracos, delicados*; ele, porém, forte e duro ante a adversidade.

Finalmente o grande desalento: “Eu sou desses enfermos, como sabe, e, como sabe também, doente sem médico.” O amigo pode conhecer a natureza de seu mal e mal sem cura; — acredito que aqui Machado foge da afirmação da incurabilidade — sofredor de um mal sem remédio — e prefere dizer-se desamparado, porque doente sem médico. Sem remédio sim, sem médico, não.

Na verdade, seu médico, Miguel Couto, acompanhava então, de perto, as vicissitudes da saúde de Machado. No seu caderno de apontamentos, segundo Luís Vianna Filho, há as seguintes notas: “4 de setembro — a ausência em casa do Garnier, onde bebi água e Lazzac me deu saís a cheirar. Era de tarde. Fizera-me sentar”. Interrompo; isto faz supor que com a ausência houve queda (cataplexia? convulsão?). — Continuo a copia: “e eu respondi em português, ao que ele me disse em francês”.

Pôde à noite ir à estação da estrada de ferro despedir-se do Ministro, que ia a Minas. “Contei isso ao médico (Miguel Couto), dizendo-lhe, mediaram entre o fenômeno e a crise que tive no *JORNAL*, 22 dias”.

Há que distinguir entre “fenômeno” e “crise”. O fenômeno seria mesmo uma ausência, com dissolução do tônus postural, queda (fizera-me sentar) e uma obnubilação da consciência, que não permite a Machado responder no mesmo idioma a pergunta feita em francês. O neurologista inglês Jackson mostrou também que nas dissoluções das funções psíquicas desaparece a expressão verbal em língua aprendida posteriormente e permanece a capacidade para falar na língua materna, a primeira estruturada. Crise se-

ria um ataque, provavelmente de grande mal, e de maiores conseqüências, capazes de impedir ao funcionário cumprir o protocolo numa viagem de seu Ministro.

Certo é que a amnésia pós-crise pode borrar o registro da ocorrência.

O intervalo de vinte e dois dias não pode ser tomado como uma avaliação do periodismo das manifestações do mal, mas é um índice de que estas seriam, então, freqüentes.

O trecho esclarece ainda que Machado consultava seu médico habitualmente. Miguel Couto, não vai nisso uma afirmação de discípulo, era um médico que não esquecia seus doentes e de quem os doentes não se esqueciam.

O mesmo diário nos informa ainda que o leque dos sintomas se abria de modo a comportar: “algumas dores”, acessos de cólera, “sonolência,” “ausência,” “boca amargosa” “aquilo da...” (reticências prudentes de um tímido). E ausências mais ou menos rápidas “com a memória de tudo”, com hiatos bem curtos, avaliados subjetivamente como a “diferença apenas de algumas palavras escritas”, relógio interior que marca o tempo vivido de um escritor.

As reticências são a expressão gráfica daquilo que Luís Vianna Filho descreve, com mestria: “Terrivelmente lúcido, consciente do abismo que o aguarda a cada instante, Machado, na medida do possível, sempre procurou esconder seu mal da curiosidade alheia.”

No entanto, a posteridade conserva uma documentação, quase perfeita, da inexorabilidade de sua condição. Numa tarde, em que com seus confrades, aguardava no cais PharoUX o desembarque de um visitante ilustre, surpreende-no a crise. Acudiu-o, na emergência, o dr. Mendes Tavares. Um fotógrafo presente fixou o fato. O livro de Peregrino Júnior divulgou a fotografia, bem como a pequena iconografia, que precede a edição Aguilar de suas obras completas. Gostaria de identificar o homem de alto porte, chapéu Derby, que trazia um leque e o agita na tentativa de aliviar Machado, der-

reado, apoiado e encostado a um banco da atual Praça 15 de Novembro.

Na época, a terapêutica anticonvulsivante era precária. De eficácia relativa, havia os sais de bromo. Sabemos que Machado usava um tri-brometo, produto francês muito divulgado como anti-epiléptico, o qual, a certa altura, Mário de Alencar lhe desaconselha a continuação do uso (realmente os efeitos secundários eram muitos e molestos) e propõe substituir por uma especialidade homeopática. O prestígio de um ministro havia popularizado a terapêutica hannemanni-ana.

Está assim bem delineada a doença de Machado de Assis. Iniciada na infância, de curso benigno na adolescência, sem comprometimento das funções intelectuais e modificação perniciosa do temperamento, sua epilepsia recrudescer após o casamento e se acentua, nitidamente, com o processo involutivo senil. Na fase final, sua sintomatologia reúne: ataques convulsivos generalizados, ausências, distímias coléricas, reações autonômicas (sonolência, sensações gustativas intercríticas). Estas manifestações estão consignadas de punho próprio ou testemunhadas por amigos, por seu médico e por um fotógrafo.

Acredito, todavia, que outros “fenômenos” — para usar um termo machadiano — tenham sido sentidos pelo autor de *Quincas Borba*. Entre eles eu assinalaria estados oniróides (confuso-oníricos), que lhe permitiram ver — e com que intensidade — o mundo estranho dos delírios.

Em “A Psiquiatria de Machado de Assis”, procurei mostrar que o famoso delírio de Brás Cubas é uma descrição perfeita, do ponto de vista científico e psiquiátrico, de um estado onírico-confusional, que foi descrito em 1879 pelo já citado neurologista John Hughlings Jackson, sob o nome de “*dreamy state*” (estado onírico).

Mostrei que na fase pré-agônica, o delírio apresentado por Brás Cubas seria a expressão de uma psicose sintomática, tendo como causa uma soma de fatores, desde a pneumonia até

as alterações metabólicas neuronais da fase terminal da doença, que acometeu o inventor do célebre emplastro.

Isso não importa em que o mesmo conjunto sintomático (síndrome) possa ser produzido por uma crise de epilepsia temporal. Essa foi a descoberta de Jackson.

Em Machado de Assis, encontramos indicações que, ao lado dos ataques convulsivos, tipo grande mal, surgiam outras manifestações da série dita psicomotora. Entre estas, haveria estados oniróides, delirantiformes — a palavra é de mau gosto, mas consagrada por psicopatólogos brasileiros — que serviram de modelo à síntese genial do delírio de Brás Cubas. Sem a experiência pessoal, sem a vivência de um estado onírico, seria impossível compor o conjunto de sinais e sintomas, que é o substrato do capítulo famoso. Essa é a patogenia, se me é permitido assim chamar a trama básica, a estrutura formal, sobre a qual o artista projetou a sua filosofia, as suas idéias sobre a natureza e o homem, sobre a luta entre as forças físicas e o indivíduo, o destino e a personalidade. A patoplasia, isto é, o conteúdo, a nota pessoal e genial usam um tecido, um embasamento, um suporte, que só um profundo conhecimento vivido da desestruturação da consciência, nos estados oniróides, permite.

Brás Cubas foi publicado aos pedaços, em uma revista. Parte foi ditada. Machado vinha de uma fase grave de doença. O medo da cegueira e da invalidez o atormentava. Isto é biográfico. Eu acrescentaria que as condições da saúde geral deveriam ter influenciado a permanente condição cerebral, geradora das suas crises. Estados oniróides o teriam agitado, na escuridão da retinite, como grandes iluminações de onde surgiram a cosmovisão, e o diálogo com Pandora descritos no capítulo das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Sobre tudo isso ele guardou a maior discrição. A vida de Machado é um tecido, onde há um fio contínuo vermelho, a presença da epilepsia, e um outro fio, propositadamente descolorido, que o procura encobrir e dissimular: sua discrição, sua circunspeção, sua timidez.

Dáí uma verificação da maior importância: duas palavras faltam na obra de Machado de Assis: epilepsia e epiléptico.

Nisso ele se diferencia de Dostoievski. Um dos polos da obra do grande russo é a doença sagrada. Muitos de seus heróis são epilépticos, cujas crises são descritas de maneira perfeita, com seus gritos, estertores e convulsões. Machado de Assis não introduziu a epilepsia na sua Comédia Fluminense. Mas a loucura o fascinou e dela ficaram grandes murais, com o desenho e o colorido de um mestre do Renascimento.

Quando me voltei para buscar os conhecimentos psiquiátricos de Machado de Assis tomei como ponto de partida sua obra. A colheita foi farta. Os personagens Quincas Borba e Rubião são retratos vivos de psicóticos. Personalidades anormais e suas reações estão presentes. A composição genial de *O Alienista* é uma estupenda apoteose à antipsiquiatria, montada com um século de antecedência.

Mas não procuremos na obra de Machado de Assis a presença declarada da epilepsia. Essa não diz claramente seu nome; está dissimulada no delírio de Brás Cubas; está transformada nos grandes temas da loucura e da alienação.

A epilepsia era o Getsemani de Machado. Ali permaneceu só. Alguns amigos se aproximaram. Carolina foi o anjo que o consolou.

Nos mistérios da criatividade, estou certo, há uma estranha alquimia. A dor se transforma em beleza, o sofrimento em sabedoria.

O menino mestiço do Morro do Livramento, que padeceu "coisas exqu岸itas", é o nume maior das letras brasileiras. Seus olhos cansados terão talvez penetrado até o futuro, este presente em que todos nós somos seus discípulos, não só na procura do bem escrever, mas na arte mais difícil de saber viver, superando nossos obstáculos.

Essa a lição do epiléptico Machado de Assis.

(Lido em sessão da Academia Cearense de Letras no dia 18 de novembro de 1975)